



TEMPO DE REFLEXÃO

A ASPLANDE NA PALAVRA DE QUEM PARTICIPA DA REDE

Beatriz Costa (org.)





TEMPO DE REFLEXÃO
A ASPLANDE NA PALAVRA DE QUEM PARTICIPA DA REDE

Beatriz Costa (org.)

Rio de Janeiro, 2015

Copyright ©
ASPLANDE, Assessoria & Planejamento Para o Desenvolvimento

ORGANIZAÇÃO

Beatriz Costa

COORDENAÇÃO

Mara Ferreira

DIAGRAMAÇÃO E FOTOGRAFIA

Henrique Fornazin

PARTICIPANTES

Adriana Abreu
Camila Rosmarino
Cleide Ramos
Crislandia Moraes
Cyntia Matos
Dayse Valeça
Darlene Rosa Nunes
Jaqueline Roque
Joana Darc
Mara Ferreira
Maria Isabel Cardoso Santos
Mônica Francisco Santos
Norma Maria
Paulo Borges
Regina Fontes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
O TRABALHO DA ASPLANDE	10
<i>Formação é a atividade mais importante</i>	10
<i>Um ambiente de formação</i>	12
<i>Metodologia: o “modo de fazer” formação na Asplande</i>	16
<i>“A linguagem é dela, mas entra no meu mundo”</i>	18
COMO VEMOS A AÇÃO DA ASPLANDE NO FORTALECIMENTO DOS NOSSOS EMPREENDIMENTOS	20
<i>Ferramentas de planejamento, cálculos, planilhas</i>	20
<i>Gestão, administração, relações interpessoais</i>	21
<i>Ponto fixo de exposição e vendas</i>	22
<i>Valorização dos estudos</i>	23
“A VIDA DA GENTE É UMA POLÍTICA, ENTÃO SE VOCÊ NÃO ESTIVER ANTENADA...”	25
<i>“Na época da política”</i>	25
<i>A questão da segurança no território das comunidades e periferias do Rio de Janeiro</i>	26
SUGESTÕES	27
<i>A Rede tem que ir mais longe</i>	27
<i>Sobre o processo de formação</i>	28
<i>Trabalhar mais o lado pessoal</i>	30
<i>O tempo das reuniões mensais</i>	30



APRESENTAÇÃO

Fundada em 1992, a ASPLANDE é uma instituição que tem como compromisso contribuir com a construção de um país justo e igualitário através da universalização dos direitos humanos e a inclusão socioeconômica. Nossa instituição, trabalha prioritariamente com mulheres empreendedoras, todas moradoras de favelas e periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Para melhor articular a sua atuação, em 1997 a ASPLANDE criou o programa Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras.

No sentido de fortalecer a inserção dessas mulheres no contexto do mundo trabalho, a Asplande atua em três eixos principais: a **formação**, a **assessoria** e o estímulo à **organização em rede**.

O **primeiro eixo**, formação, se dá através de encontros mensais de todos os empreendimentos, na sede da Asplande. E se dá também através de reuniões e oficinas descentralizadas, em geral no bairro ou região em que se localiza alguns dos empreendimentos.

Os temas abordados são voltados para áreas como Economia Solidária; Elaboração de Plano de Negócios; Gestão Administrativa e Financeira; Desenvolvimento de Novos Produtos/Serviços; Estratégias de Divulgação e estão presentes como tema transversal em toda capacitação discussões relevantes, como gênero e direitos humanos.

O **segundo eixo** refere-se à assessoria in loco. Após a formação, os empreendimentos são acompanhados na forma de Visitas periódicas às empreendedoras no seu local de trabalho, bem como através dos Plantões de Assessoria realizados semanalmente nas comunidades atendidas pela Asplande.

O **terceiro eixo** refere-se à valorização do trabalho em rede, onde o apoio coletivo é incentivado como estratégia para superar as dificuldades relacionadas aos negócios. Na prática a formação de redes é estimulada pelos ‘Encontros de Troca’, eventos organizados por tipo de negócio ou por arranjos locais de cooperação.

Tempo de Reflexão, a ASPLANDE na palavra de quem participa da rede é a realização de um sonho antigo de fazermos uma escuta sobre a atuação institucional a partir do olhar das protagonistas dos projetos e atividades que vem sendo realizadas ao longo da caminhada. Para isso, formamos um pequeno grupo com participantes do Programa Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Convidamos empreendedoras que estão participandoda Rede desde a sua criação, em 1997, até aquelas que iniciaram há pouco mais de um ano. Com isso, tivemos a participação de diversos olhares.



INTRODUÇÃO

O caminho percorrido para que a palavra de todas as participantes deste grupo pudesse se manifestar começou com três rodas de conversa. No ponto de partida, um pequeno roteiro ajudou a organizar o rumo da conversa para que ela pudesse correr com toda a liberdade, mas sem se perder nas encruzilhadas de meio de caminho.

O resultado deu nesta publicação: **TEMPO DE REFLEXÃO - A ASPLANDE NA PALAVRA DE QUEM PARTICIPA DA REDE.**

Não se trata de um simples relatório feito pelas Mulheres sobre a Asplande, e nem de uma coleção de depoimentos dados por elas e depois selecionados para ilustrar um relato feito por outros. Nada disso.

Nas conversas, as participantes mostraram o significado da Rede nas suas vidas e nos seus trabalhos, e falaram sobre o papel da instituição neste processo. O tempo todo o texto transcreve o pensamento e as reflexões expressadas por elas nas suas próprias palavras e no seu próprio modo de se expressar. Isto foi possível porque as conversas foram gravadas. Depois, é claro, passaram por um trabalho de enxugamento, ajuste e reordenamento de algumas passagens, tendo em vista a publicação que estamos apresentando aqui.

ASPLANDE

O TRABALHO DA ASPLANDE

Na Asplande, todas as atividades são ligadas pelo mesmo objetivo: o empoderamento das mulheres. Foi isto que levou a criar a Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras.

Formação é a atividade mais importante

A atividade mais importante é a formação. Acontece sobretudo através de palestras, cursos e oficinas. Os assuntos são diversos, é uma formação em diversos sentidos: fortalecer o empreendedorismo, a economia solidária, o respeito ao próximo, os direitos humanos inclusive os de gênero, a participação política, e muitos outros.

Só para dar um exemplo: entre estes “muitos outros”, teve um Curso de Design que ficou na nossa lembrança e volta e meia entra de novo na nossa conversa. Foi nesse curso sobre os ícones dos morros do Rio de Janeiro – que foi criada a marca Raízes do Rio: história das comunidades. Foi muito interessante, muito mesmo! Conversando depois com outras pessoas das comunidades, elas perguntavam: mas onde foi que você aprendeu isso? Quer dizer, são conhecimentos sobre a nossa história que a gente quase não tem onde aprender.

Além disso, nós entendemos que as contribuições e os depoimentos que as próprias mulheres dão durante as palestras, oficinas e cursos, nós também podemos levar como formação. Um exemplo: quantas vezes aquela fala ou aquele depoimento que você leva para um encontro se junta com a fala de outras companheiras que também estão ali

no encontro, e aí todos passam a ver melhor que o mesmo problema que existe num lugar está acontecendo também em outros lugares.

Um outro sentido importante é fazer que você se conheça melhor, conheça o outro, perceba que o outro é igual a você, que os direitos de todos são iguais. É se interessar por cada um, não discriminar. Você percebe que muita coisa que você aprende e faz, o outro não faz porque não teve chance.

Além disso, a formação não fica fechada dentro da pessoa. Quando a mulher tem formação, quando sabe qual é o seu direito, ela se torna uma pessoa mais empoderada e pode, inclusive, ajudar o empoderamento de outras. Por exemplo, em grande parte dos lugares, as mulheres têm medo de denunciar a violência que sofrem. Mas quando ao seu lado tem uma mulher que conhece os seus direitos e informa que você também tem o direito de denunciar o marido (ou quem for), você sente mais força de ir em frente e denunciar. Então é formação também neste sentido.

Mas tem outras coisas que você também aprende na Asplande. Quantas vezes você sai de casa achando que não tem ninguém com um problema tão grande como o seu, e numa roda de conversa você ouve a experiência de uma outra pessoa que faz você parar e refletir: “pô, o meu problema é um grão de areia perto daquele que a companheira passou”.

Então, quando você participa de um encontro como na Asplande, você sai daqui dizendo: “mas por que é que eu estou reclamando da minha vida, do meu problema? Aquela pessoa passou por um muito pior do que o meu”!

Um ambiente de formação

Aqui a formação não se dá apenas através de palestras e oficinas, mas também através do ambiente de acolhimento criado e vivido por todas.

Alguns depoimentos mostram melhor como isto acontece na prática de cada experiência, de cada encontro, de cada dia.

“Trabalhei numa instituição onde fiz todos os cursos de formação que eles tinham para os trabalhadores – desde os cursos de preparação de alimentos até a aprendizagem de artesanatos. Mas com tudo isso, eles só me queriam na produção. Quando aconteciam aquelas formações mais avançadas, aí era só para quem tinha Faculdade ou estava iniciando algum curso superior. Senti essa dor de ser excluída durante anos. Aqui eu vivi uma outra experiência, a Asplande



e a rede da Zona Oeste me incentivaram a mostrar o meu potencial do jeito como eu sou. Aqui eu me senti reconhecida”.

“Só quem foi discriminada é que sabe. Muitas vezes a gente fica com medo. Só quem passou pelo preconceito de ser discriminada na frente de todos sabe o valor que é ser reconhecida. É isso que você aprende aqui: o acolhimento”.

“Quando você vem para cá, não é como em muitos outros lugares que você tem que preencher uma ficha e fica esperando para ver se o seu perfil encaixa no que eles querem. Aqui você entra e te acolhem”.

“Outro dia, quando a colega da Asplande me ligou para lembrar o encontro que ia ter aqui no dia seguinte, eu falei: ‘Ah! Jesus, como é que eu vou dizer que o meu pé está queimando por causa da erisipela? O médico mandou fazer repouso, o dinheiro acabou...’. Mas aí pensei: ‘Quer saber? Eu não fui para o médico? Então posso ir também para a Asplande. Chega lá, você nem pede, as meninas já chegam: ‘quer isso, quer aquilo?’”. Então você se sente mesmo família. Aquela que vê a necessidade do outro está querendo ser parte dessa família”.

“A Asplande não faz restrição se a gente é da Zona Oeste, se é da Baixada Fluminense ou da Zona Sul. Não. Ela é para todos. Até para os homens não há restrição, não importa se é homem ou mulher. Mas como é a mulher que está mais assim... O marido é o provedor que às vezes não tem tempo de estar aqui, então é a mulher que vem e leva para ele”.

“Muito importante é o crescimento e o amadurecimento que você tem aqui e que às vezes você vai usar no dia a dia da sua vida. Eu hoje chego aqui alegre, contente, brincando, porque me dá prazer ser participativa. E peço a Deus que não me tire o espírito de alegria. A coisa mais gostosa é você chegar e trazer a luz, passar a luz para as pessoas. É as pessoas dizerem: ‘Gente, que lugar diferente!’. Não é que você seja melhor do que ninguém, mas você quer a luz. Todos temos os nossos machucados, e se você quer a paz para você, tem que desejar a paz para todos. Porque como é que você vai receber a paz se eu desejo só coisas negativas? Então se eu peço a luz, eu quero que a luz seja para mim e para todos”.

“Quando eu venho para cá, venho aprender sim, mas uma aula também desestressa. E a gente vê que também as experiências de algumas pessoas enriquecem. Pessoas que têm outra experiência de vida. Há oito anos atrás, eu não participava de nada, não tinha o costume de ficar conversando com outras pessoas. Onde eu chegasse, se tivesse que ir lá na frente e falar, vocês não têm noção, eu passava mal mesmo. Acho que só faltava desmaiar. No colégio, eu não fazia trabalho de apresentação. Fazia meu trabalho todo escrito, com aquelas capas lindas, e entregava à professora. E quando chegava na hora de apresentar, eu não apresentava, eu faltava! Não adiantava, eu não ia lá na frente de jeito nenhum. Hoje eu participo da Asplande, aqui a gente aprende a se comunicar, e eu agradeço muito por isso”.

“O mais interessante é que na Asplande a gente fala e tem certeza que nos escutam. Porque uma coisa é você falar e o fulano te emprestar a orelha para fingir que está escutando. Outra coisa é realmente escutar”.

“A Asplande promove encontros entre grupos, redes, fóruns e outros. Esta ação é importante porque dá oportunidade de praticar a troca de saberes que se faz importante na nossa convivência. E quando são encontros de dois ou três dias, nós fazemos oficinas entre nós e percebemos como isso é gratificante. Esses encontros fortalecem. Às vezes uma pessoa com quem você não tem muita intimidade, num encontro desses, você se desarma, vê que aquela pessoa é legal. Você sabe que num encontro não vai sair amigo íntimo de todo mundo, mas tem oportunidade de conhecer melhor as pessoas”.



Metodologia: o “modo de fazer” formação na Asplande

Todo ano se faz o planejamento das oficinas e dos encontros. Antes do planejamento, se faz a avaliação do que foi o ano e se vê o que foi bom e de proveito.

Depois se começa a planejar o novo ano. Todo mundo é chamado a participar: “Que sugestões vocês têm? Qual a nossa necessidade?” Isso acontece também em todo encontro e em toda oficina.

Tendo as respostas de todos, se pode ver quais são as necessidades da maioria. Assim os planejamentos são feitos com a participação de todas. Porque a Asplande poderia simplesmente dizer: “Agora vamos aprender isso” e ponto, acabou, não deu oportunidade para ninguém perguntar, para conversar, para escolher os assuntos de sua necessidade. Mas aqui não é assim.

A Asplande busca as capacitações, as formações, não pelo que ela acha, e sim pelo que ela sabe que a gente está precisando porque já passamos por outro momento em que isso nos foi perguntado. Eu acredito que o que ela faz é o que a gente realmente está precisando. Porque senão... como é que ia dar certo? Toda vez que a gente chega aqui encontra exatamente o que precisa, o que está querendo, o que já manifestamos desejo de aprender.

Por isso se consegue dar um passo de cada vez, mas sempre caminhando. As formações não são repetitivas. Os temas são os grupos que escolhem.

Então a gente caminha. Quando tem encontro sobre gestão, por exemplo, começa discutindo: “porque é que a gente se reuniu aqui hoje? O que foi que a gente já fez sobre isso com outras ONGs?”. E aí continua avançando sobre aquele assunto. O assunto pode ser gestão, mas não é repeteco.

E sempre se tem crescimento porque, em cada encontro, você tem que dizer o que já aprendeu. Isso é bom porque ajuda a lembrar o que você já esqueceu.

Uma outra coisa é que as formações sempre culminam com algum trabalho a ser feito. E o valor está aí: de ter que colocar em prática aquilo que você aprendeu. O objetivo é a gente conseguir colocar em prática o que aprendeu.

Um outro aspecto da metodologia que se tem aqui na Asplande é que 10% é **eu** e 90% é **nós**. Quando o problema é pessoal, é claro, deve ser ouvido. Mas na metodologia da



Asplande, 90% do trabalho é **nós**. E com certeza é por isso que a gente se entende. Porque trabalhamos o coletivo, não o trabalho individual. Individual é só quando se faz realmente necessário. Não é descartar, mas se você trabalha sempre no coletivo, aprende a falar mais “nós” do que “eu”.

“A linguagem é dela, mas entra no meu mundo”

A linguagem usada pela Asplande é dela, mas entra no meu mundo. A Asplande sabe usar uma linguagem simples e por isso todos se colocam dentro do assunto, entendendo o que está sendo falado. Assim fica mais fácil você levar para outras pessoas os conhecimentos e tudo o mais que se aprende e se conversa aqui.

Palestra não é aquela enrolação... A palestra que fica te enrolando não serve. Você sai de casa, leva um dia para chegar aqui, sabe que vai levar outro tanto na volta para casa e, aí, chegando lá, percebe que não tem nada para levar para as colegas!

Podemos dar um exemplo contado num dia desses por uma companheira:

“No Cantagalo, em um curso que teve lá sobre a parte financeira do empreendimento, se viu o cálculo do preço de uma coxinha de galinha. No intervalo, eu saí um pouco da sala e ouvi uma menina telefonar para uma conhecida: “Eu nunca imaginei que a gente ia fazer cálculo de uma coxinha! Eu nunca fiz coxinha, meu trabalho é com costura, mas entendi que se você pode fazer o cálculo de uma coxinha, então eu agora também tenho como fazer o cálculo do meu produto, um por um”.

Então é isso que eu estou querendo dizer: a linguagem simples não servia apenas para entender o cálculo daquele produto de alimentação; servia para o entendimento dos cálculos de muitos outros produtos. Na prática, todo mundo se fez entender. Todos entenderam que todos têm que saber fazer o cálculo dos seus produtos, têm que calcular os mínimos detalhes. A linguagem possibilitou o entendimento de todos e entre todos. Uma linguagem fácil num tipo de formação que não é fácil: a linguagem financeira não é fácil. O assessor usava os termos técnicos necessários, mas de um jeito que todos entenderam. Isso às vezes não acontece nem em Faculdade!”

A Asplande tem esse cuidado com a linguagem, de fazer a “tradução”, de falar com as pessoas dos empreendimentos não como se elas fossem ignorantes tipo: “não, a gente tem que usar uma linguagem rasteira porque são mulheres da Zona Oeste, da Baixada...”. Não, não é ser rasteiro, é encontrar o equilíbrio na linguagem, na forma de fazer o papel da assessoria.



COMO VEMOS A AÇÃO DA ASPLANDE NO FORTALECIMENTO DOS NOSSOS EMPREENDIMENTOS

É pelos mais diversos caminhos que a Asplande fortalece o trabalho e os empreendimentos das mulheres que participam da Rede. Por exemplo:

Ferramentas de planejamento, cálculos, planilhas

Para muitas de nós, tem sido de grande importância os cursos e assessorias da Asplande onde se aprende a calcular o preço do nosso próprio produto. Boa parte dos cursos são realizados em algumas comunidades locais, mas vêm também empreendedoras de outras comunidades. Na avaliação desses cursos, quase todo mundo concorda. Por exemplo:

“Antes desse curso, eu não tinha noção de como colocar um preço na minha mercadoria, não sabia se estava colocando um preço justo, se estava cobrando de mais ou de menos. Esse curso me deu a visão do que é um negócio. Porque antes eu misturava o meu dinheiro pessoal com o dinheiro do meu negócio, com o dinheiro do Fórum onde sou tesoureira... às vezes faltava dinheiro para completar alguma coisa e eu pegava do meu dinheiro pessoal era uma miscelânea só! O curso foi me orientando sobre como devo fazer. É outra tranquilidade!”

A construção de planilhas é outra ferramenta que contribui muitíssimo no crescimento do nosso trabalho.

Para o melhor aprendizado de todas essas coisas, uma atividade da Asplande que tem ajudado muito são as “assessorias in loco”. Por que? É que muitas dúvidas e dificuldades aparecem nos cursos e encontros, e lá mesmo dá para conversar e resolver. Mas tem detalhes que só aparecem quando você está no seu empreendimento. E... nestes momentos é muito importante poder contar com uma pessoa que vem para te dar atenção, clareando, mostrando o caminho, tirando dúvidas. Essa pessoa pode ser um assessor colaborador da Asplande, mas frequentemente tem sido também uma de nós mesmas, empreendedoras, alguém já com mais experiência.

Ao mesmo tempo, aquele empreendimento assessorado também vai ensinando à pessoa coisas que ela não sabia. É aquela troca de informações que enriquece a todos.

Gestão, administração, relações interpessoais

Outro ponto são as mudanças na prática da gestão, na administração, nas relações interpessoais.

Aqui na Asplande tem muito curso e palestra sobre como lidar com o outro e com a diferença - o que é difícil!

Cada um de nós já convive com pessoas diferentes no seu próprio grupo. Mas uma coisa é conviver com as diferenças do meu grupo no dia a dia. Outra coisa é conviver com o diferente no grupo mensal ou esporádico. Respeitar o outro muitas vezes é ficar quieta, observando para conhecer melhor...

Neste sentido, por exemplo, quando a gente vai numa feira ou exposição, se não tiver um comportamento atento para a diversidade que tem ali, pode pôr todo o trabalho abaixo. Por isso é que os cursos e palestras da Asplande trouxeram

mudanças no trabalho, porque quando a gente trabalha com uma preocupação de grupo, até a maneira de corrigir é outra, a postura é outra, porque a gente já teve um conhecimento de como eticamente trabalhar com a colega.

Aqui a gente aprende a importância de saber como é que vai tratar o outro em cada situação que aparece. Se eu sou empreendedor, antes de ser empreendedor eu sou produtor, então tenho que saber lidar com os outros também como produtor. Não é fazer a produção e, na hora que chega alguém procurando o seu produto, você simplesmente aponta com o dedo: “Olha aí, o que você quer está aí nessa prateleira”. Tem que saber acolher o outro, tem que aprender a ficar equilibrado porque o cliente pode chegar num momento em que você não está esperando, tem que saber responder o que ele pergunta sobre o produto.

Ponto fixo de exposição e vendas

A Rede aglutina um número expressivo de empreendedoras, sendo a maioria artesãs. E uma coisa marcante que se tem na Asplande é a valorização do trabalho do artesão.

Além dos cursos e oficinas de formação, uma conquista mais recente foi um ponto fixo que conseguimos no metrô da Cidade Nova para exposição e venda do trabalho de artesanato que fazemos. Assim, sempre que há uma exposição, nós vemos valorizado o produto que fazemos. O que é diferente de participar apenas em feiras que obrigam a hoje estar aqui, amanhã estar ali, fica mudando daqui para acolá.

A Asplande trabalha querendo mesmo valorizar o artesão, e o ponto fixo dá essa característica de valorização. Melhora nossa

autoestima e nossas relações porque ali você está num lugar onde pode criar um ambiente, um relacionamento com aquelas pessoas que passam. Nós ficamos ali durante seis meses e até hoje as pessoas nos procuram.

Fora isso, este ponto fixo possibilitou também que algumas de nós fizessem uma outra conquista. Nas palavras de uma delas:

“Um dia a Asplande nos chamou para assumir o Quiosque que fica na estação do metrô Cidade Nova. Mas foi tão bom o aprendizado que tivemos naquele Quiosque! Hoje, se eles forem abrir aquilo de novo, eu já tenho uma logística! Hoje nós temos uma visão maior sobre o que é preciso para gerir um quiosque. Aquele quiosque é o meu troféu de 30 anos de artesã!”

Essa questão da formação, no fundo, é isso: formação é empoderamento.

Valorização dos estudos

Por fim, os caminhos de formação na Asplande não são fechados em si, não bastam a si mesmos. Uma coisa é dizer que na Asplande ninguém é discriminado por causa dos estudos feitos ou não feitos. Mas também todos valorizam e incentivam que as pessoas sigam desenvolvendo os estudos do seu gosto. E esse próprio estudo, muitas vezes, acaba fortalecendo o próprio trabalho nos empreendimentos. Como diz uma companheira que está fazendo o curso de Contabilidade:

“Foi o pessoal da Asplande que me deu força para fazer a Faculdade de Contabilidade. Estavam sempre

colocando aquela possibilidade para mim, e aí eu fui! E estou adorando. O curso me dá uma visão totalmente diferente. Porque a prática, eu podia ter, mas precisamos muito também de teoria.

Essa formação daqui, eu sempre usei para tudo aquilo que faço. O que mudou foi que agora, com a Faculdade, eu estou tentando passar o teórico para um saber na prática. E essa prática daqui está me ajudando bastante também na Faculdade”.



“A VIDA DA GENTE É UMA POLÍTICA, ENTÃO SE VOCÊ NÃO ESTIVER ANTENADA...”

A Asplande tem influência no modo como vemos a realidade do país e as outras empreendedoras. Através de palestras mensais, nos mostra como devemos estar atentas a mudanças e governanças que vão surgindo. Como devemos nos reunir para reivindicar nossos direitos e também nos conscientizar quanto aos nossos deveres.

Às vezes a gente fica só na tecla do direito e esquece que fazemos parte do sistema e temos deveres. A Asplande sempre ressalta isso: temos direitos sim, mas temos obrigações também.

“Na época da política”

Quando chega na época da política, nós encontramos aqui muito apoio para analisar as diferenças. Muita gente diz que quando começa o horário eleitoral, desliga a televisão porque é um monte de abobrinha. Mas aqui a gente vê que mesmo sendo abobrinha, você tem que ouvir para dali tirar suas próprias conclusões.

Aqui você aprende que tem que prestar um pouquinho mais de atenção em algum noticiário. É como alguém falou: o horário político é super chato, mas para eu conversar um papo legal com outra pessoa, tenho que saber daquilo que estou falando. E aqui você pega indicações de como começar a desvendar esse mundo. Por exemplo, é buscar na internet sobre aquele candidato, é ver o que ele fez, o que não fez. E termina que você fica empenhada mesmo, buscando um monte de informações que servem para o nosso dia a dia e que vão dar horizonte ao nosso futuro.

Votar é um direito, mas é também um dever, você tem obrigação de saber escolher, de não anular o voto. Você tem o direito de buscar junto ao poder público aquilo que é necessário para o coletivo, não é busca só pessoal, é busca do coletivo, é melhoria para o coletivo. Isso então tem um lado de direito e um lado de dever, porque se a gente não for lá falar o que está querendo, eles também não vão adivinhar.

A vida da gente é uma política, então se você fechar o olho e não estiver antenado...

A questão da segurança no território das comunidades e periferias do Rio de Janeiro

Mas não basta estar antenada nas eleições. A política vai além das eleições. Ultimamente nós percebemos que as questões e discussões políticas na Asplande precisam ser mais aprofundadas.

Por exemplo, todos sabemos que a maior parte dos nossos empreendimentos estão em comunidades ou periferias onde é forte a atuação das UPPs. Só que nós quase não discutimos isso, não desenvolvemos a discussão trazida pela UPP e pelas mudanças que ela provoca em cada comunidade.

No entanto, de todas as vezes que trazemos essa situação para dentro dos encontros ampliados da Rede, vemos que ela influi diretamente na realidade de todas as companheiras e seus empreendimentos. Quantas de nós, muitas vezes, não pode vir à reunião da Rede porque tem tiroteio na área! Todo mundo sabe que a circulação da insegurança e do crime por toda a região metropolitana do Rio tem um impacto na produção e no desenvolvimento dos empreendimentos. Inclusive uma

das perguntas do questionário do Plano de Negócios que a gente discute com as mulheres é: “De que maneira a violência e a criminalidade prejudicam a comercialização da produção?”. Então, se nós estamos perguntando isso, temos que enfrentar essa discussão mais a fundo.

Mesmo porque, é uma situação que não influi só nos empreendimentos. Ela incide fortemente nos filhos, nos jovens que estão morrendo mais e que estão participando mais desse ritual de morte que não acontecia há alguns anos atrás.

SUGESTÕES

Quase todo mundo reconhece que quando uma organização ou instituição não tem mais nada para ser mudado é porque já morreu. A Asplande está bem viva! Por isso temos sim, diversas sugestões de mudanças.

A Rede tem que ir mais longe

Uma reivindicação aprovada por todos nós é que a Asplande deve se estender para a Zona Oeste e para a Baixada Fluminense. As reuniões mensais devem continuar sendo aqui no centro da cidade, mas os cursos, as oficinas e outras atividades podem acontecer também nesses outros lugares. Isto é unanimidade entre nós. Por que?

Não é que se a Asplande não levar suas atividades para a Zona Oeste ou para a Baixada, a Rede lá vai acabar. Não. Independente de ter ou não a Asplande lá, nós vamos continuar nos reunindo. Só que para participar dessas outras atividades que até hoje só acontecem no centro, na zona norte ou na zona sul, nem todas

as mulheres podem vir. Porque tem custo, tem maridos que não aceitam você ficar fora o dia todo porque para chegar aqui você precisa atravessar metade do Rio de Janeiro! Se você tem filho na escola, só vem porque tem alguém que vai buscar o menino na hora da saída.

Além disso, a Asplande, indo para lá vai dar mais uma força para aquelas mulheres. Porque uma coisa é eu chegar lá e repassar o que aprendi, mas sem o domínio total daquela que deu a palestra, porque ela domina o detalhe. E quando você vê que uma coisa é tão boa, quer dividir aquilo com todas as outras mulheres.

Assim, a nossa sugestão é: que seja estendido um braço do projeto para a Zona Oeste e para a Baixada Fluminense.

Mesmo porque, todos sabem que podem contar com a ajuda de mulheres que já participaram de formações elaboradas e administradas pela Asplande. Quer dizer, no nosso caso, a Asplande não vai precisar pagar, ela sabe que vai poder contar com a gente. Nós vamos ajudar, orientadas por ela certamente, mas ajudando em tudo, até no local, na estrutura, essa coisa toda.

Sobre o processo de formação

Nos encontros mensais da Asplande, a gente prioriza muito – e isso é importante – a formação da empreendedora, a questão do empreender, a elaboração do preço, todo esse processo mais técnico e mais instrumental do empreendimento. Porque este é também o nosso objetivo: que as empreendedoras possam ter uma estrutura que dê a elas condições de se manterem, de manter quem está diretamente ligado a elas que é a sua família, e também grupos e outras pessoas que estão ali inseridos,

trabalhando com elas. Que elas possam permanecer nesses locais, gerar renda, circular renda. Tudo isso a gente prioriza, tem como meta ou como foco.

Mas outras questões que são igualmente importantes estão sumindo, ou então não estão sendo trabalhadas de uma maneira mais aprofundada.

A questão de direitos humanos e gênero, por exemplo, necessita mais debate. A gente percebe que o papel da Asplande no processo de conscientização dos direitos humanos nesse contexto de sociedade que estamos vivendo hoje, está deficiente. Sentimos falta de mais formação também em questões de gênero. Por exemplo, nos últimos encontros, temos ouvido depoimentos muito profundos. Mais do que ricos, são depoimentos de uma força muito grande, de mulheres que foram muito violentadas em todos os sentidos, desde a violência simbólica até a violência de fato, de estupro, de internação, o depoimento de uma mulher que teve que ser violenta a vida inteira para conseguir ficar viva...

Outra questão que não temos aprofundado é a discussão política do país. Agora por conta das últimas eleições, trouxemos o assunto, mas de uma maneira ainda superficial. Diante das posições que algumas pessoas estavam trazendo, insufladas sobretudo pela grande mídia, procuramos ver a diferença entre os projetos políticos dos candidatos. Temos que reconhecer porém que não aprofundamos muito o assunto.

Outra questão é aquela que já falamos; nós praticamente não desenvolvemos a discussão trazida pela UPP e pelas mudanças que ela provoca nas comunidades e periferias. Na verdade, é uma realidade que está no bojo do nosso projeto!

E também pouco temos conversado sobre as organizações e associações populares das nossas comunidades: que relação as

nossas experiências associativas têm ou podem ter com estes movimentos?

Enfim, nós temos que encontrar um caminho de não deixar essas questões sumirem do nosso processo de formação. Porque não são situações que a gente “acha” que existem. Elas existem de fato, cada ponto é real. Está na fala de cada uma que veio a esta reunião hoje, das outras que não vieram, de quem vem pela primeira vez, de quem vem sempre, de quem está fazendo a palestra, de quem está ouvindo. São sinais deste novo contexto de cidade que vivemos hoje. Nós não podemos perder esta transversalidade de situações e desafios que estão atravessando o trabalho da Asplande hoje.

Trabalhar mais o lado pessoal

Algumas de nós sentimos falta da Asplande trabalhar mais o lado interior das pessoas, o lado emocional. Trabalhar mais o eu de cada uma.

Quando você trabalha o seu interior, você se envolve, envolve a sua maneira de falar, sua maneira de andar, de vestir. E ajuda também o seu trabalho, você tem mais segurança no que faz. Quando você trabalha mais esse seu interior, sente que está pronta para agir com mais segurança.

O tempo das reuniões mensais

As reuniões mensais precisam de mais tempo. Das 9h às 13 horas é pouco. Uma sugestão é que seja o dia todo. O almoço pode ser compartilhado, cada uma traz uma coisa. É interesse nosso!





www.asplande.org.br

facebook.com/asplande

asplande@asplande.org.br | (21) 2210-1922

End.: Av. General Justo 275, sala 304 - Castelo/RJ - Brasil - Cep: 20021-130